

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Jarda Class.: 47  
 Data: 14/12/82 Pg.: \_\_\_\_\_



*Na luta pela sobrevivência, os índios apelam para, entre outras coisas, a pesca*

# Quiriris preocupados com terra e estiagem

Cacimba Seca, Cantagalo, Baixa de Cangalha e Lagoa Grande, são quatro povoados no distrito de Mirandela, em Ribeira do Pombal, que pertencem aos índios Quiriris. Agora, naquela área, há muita tensão, porque no dia 16 de novembro, logo depois de terem votado, os Quiriris invadiram a Fazenda de Picos que, segundo eles, está na área da reserva demarcada pela Funai, em março do ano passado, que não se preocupou de indenizar o proprietário Artur Andrade. Além disso, em sua comunidade, os Quiriris contam com outro problema que se agrava a cada dia, a seca.

Embora contem com a água de Lagoa Grande para beber, ela não é de boa qualidade, e para os povoados quiriris, o abastecimento em carros-pipa não chega. Nas proximidades da lagoa os índios plantaram mandioca, e por isso não tiveram muito problema com a produção. A colheita foi boa, e agora eles se ocupam com a produção da farinha. Durante a época de plantio em Ribeira do Pombal eles trabalharam nas lavouras, e como as safras de milho e feijão superaram as expectativas, até outubro deste ano os Quiriris conseguiram ganhar algum dinheiro.

O cacique Lazaro Gonzaga de Souza, de 42 anos, sobrinho do velho conselheiro da tribo. Anjo da Hora que morreu no ano passado, conta que muito pior que esta foi a seca de 1955, quando muitas famílias quiriris foram para São Paulo e Rio de Janeiro. Neste período, quando não foi possível produzir nada, porque as lavouras ficaram queimadas, Lazaro contou que conse-

guiram sobreviver cozinhando manga verde, palmito da licurizeira, e incós, um pequeno fruto da região. Para esta estiagem eles se prepararam plantando milho e mandioca no inverno, e armazenaram alimentos para a seca. O prefeito de Ribeira do Pombal, Edvar Calazans, diz que o abastecimento de água não chega até os territórios quiriris porque "eles já tem em quantidade suficiente na Lagoa Grande".

### EXPULSAO

Sob o pano de fundo do problema da seca segue, paralelamente, a questão das terras dos quiriris, que vem provocando vários conflitos com proprietários e povoados. O cacique Lazaro admite que divergências políticas entre grupos da cidade tem contribuído para o aumento das tensões. Ele conta que tudo começou durante a campanha eleitoral, quando uma candidata a vereadora pelo PDS-1, conhecida como Maria Indaba, começou a angariar assinaturas da população para acabar com o conflito de terras, ao que defendia a expulsão dos índios para e simplesmente a permanência dos fazendeiros em suas terras. O grupo adversário, que elegeu o prefeito Pedro Rodrigues do PDS, como divergir de águas na campanha eleitoral, abriu a questão dos índios, defendendo uma solução da Funai, devendo parte do território invadido com os quilombos e indenizando o proprietário, alternativa que não agradou ao parenseiro Francois, que mora na localidade em conflito já há muito tempo.

Com isto, Pedro teve mais de 300 votos quiriris. O cacique Lazaro explicou que apoiou Pedro Rodrigues da Conceição, a prefeitura, porque ele prometeu ajudar os quiriris, "mas se Pedro não fizer nada, nem adianta procurar a gente nas próximas eleições". Do conflito pela posse dos terrenos, duas pessoas já ficaram feridas e, na semana passada, os índios fizeram uma reunião para debater o problema e decidiram continuar com a luta pelas áreas demarcadas. Segundo Lazaro, até agora a Funai não apresentou qualquer alternativa e o presidente da instituição, Paulo Moreira Leal, disse estar estudando o caso e que, até o dia 30 deste mês, o conflito acaba. Nas terras invadidas, dez homens da Polícia Militar guardam a área onde só os Quiriris tem acesso. As famílias, que estavam no local, já abandonaram suas casas e todos estão esperando a resposta da Funai.

Os Quiriris, que são uma das várias ramificações dos Tupiniquins, que em 3 séculos foram totalmente expulsos do litoral, não acreditam nas boas intenções do homem branco. "Com o contato que a gente vem tendo com o branco, a gente aprendeu a "enrolar" igualzinho a eles e também que esse negócio de política só serve para manter o ódio aceso entre as pessoas, porque ninguém quer perder, quer vencer sempre", conta Lazaro. Sem falar mais a língua mãe da tribo, o quiriri — são mais de mil indígenas — esperam ganhar as terras em litígio, para enfrentar com mais condições a seca de cada ano que empobrecem mais o solo da reserva.